

Pesquisadores tentam reverter extinção de espécies de animais

Até pouco tempo atrás, a seta da seleção natural parecia avançar em só uma direção. Uma **espécie** se formava, crescia e depois se extinguiu. E, uma vez extinta, não podia mais retornar. Agora, cientistas dizem enxergar outra possibilidade. "Talvez não possamos adiar a morte, mas possamos revertê-la", disse o geneticista da Escola Médica de Harvard, George Church.

Até hoje, só uma espécie extinta foi **ressuscitada**, e o filhote que nasceu, em 2003, viveu por apenas alguns minutos. Era um **íbex dos Pireneus**, animal semelhante a uma cabra, que vagava pelos penhascos entre a Espanha e França até que o último indivíduo morreu, em 1999. O método empregado foi a clonagem. Foram usadas células congeladas do último dos animais para tentar criar um exemplar novo.

Numa conferência em Washington, neste mês, cientistas australianos falaram sobre a tentativa de ressuscitar a rã "incubadora" (*Rheobatrachus silus*), sumida há cerca de um quarto de século. Até agora, o chamado Projeto *Lazarus* só criou embriões que logo morreram.

MÉTODOS

Apesar de os esforços serem iniciais, cientistas já estão pensando em maneiras de trazer muitas espécies de volta, como o mamute-lanoso, um cavalo de 70 mil anos atrás que vivia no Canadá e o pombo-passageiro. Mas é preciso ter cautela, dizem pesquisadores. Ross MacPhee, curador de mamíferos no Museu Americano de História Natural, em Nova York, disse que, embora fascinante do ponto de vista científico, trazer as espécies extintas de volta requer mais reflexão. "Quem vai fazer isso, e quais são as regras?"

Supondo que os humanos sejam capazes de ressuscitar espécies extintas, será que deveriam fazê-lo? A **clonagem** real requer uma célula intacta de uma espécie extinta. Especula-se que possa haver células congeladas intactas de espécies como o *mamute-lanoso no permafrost* (solo congelado), no Ártico.

George Church, no entanto, disse que ele e a maioria dos cientistas creem que o máximo que pode ser encontrado, como já aconteceu, são fragmentos de DNA. Mas novas tecnologias sugerem outro método, que só requer algum material genético. A ideia é comparar o **DNA** da espécie extinta ao de uma espécie atual relacionada e substituir pedaços do código genético do bicho de hoje por fragmentos do DNA do animal extinto, inseridos em células da espécie existente. Essas células híbridas seriam usadas para a clonagem.

Depois de algum tempo, o animal resultante teria DNA suficiente da espécie extinta para assemelhar-se a ela. Outra possibilidade cogitada é a seleção artificial de animais domésticos atuais para obter uma raça com fenótipo semelhante ao de um ancestral selvagem extinto.

Isso poderia funcionar com o *auroque*, por exemplo, uma raça antiga de gado selvagem. Acredita-se que a maioria de seus genes distintivos ainda exista espalhada entre as variedades de gado de hoje. Cientistas poderiam reproduzir essas variedades, selecionando descendentes com cada vez mais material genético do *auroque*.

Teoricamente, seria possível fazer a seleção de humanos para trazer de volta o neandertal, afirmou o diretor do Centro de Direito e Biociências da Universidade Stanford, Hank Greely. Segundo ele, de 2% a 3% do DNA humano parece ser feito de relíquias do DNA neandertalense. Mas Greely acrescentou que, evidentemente, "é inviável fazer uma seleção de 500 gerações humanas, sem falar que seria uma péssima ideia".

JUSTIÇA

Existem muitos argumentos contra alterar o caráter permanente da extinção, até para fins legais. "Suponhamos que uma empresa queira construir no último pedacinho de terra habitado por uma ave ameaçada. Ela poderia dizer: 'Vou pagar pelo congelamento de células da ave. E, agora, vamos à construção de nosso campo de golfe'", afirma Greely.

Por outro lado, ressuscitar espécies pode ser uma questão de justiça. Tome-se o caso dos pombos-passageiros. "Acabamos com eles. Não deveríamos trazê-los de volta?" Em última análise, o que seduz Greely e outros cientistas na ideia de trazer espécies extintas de volta à vida é que isso seria assombroso.

"Seria o máximo ver um mamute-lanoso, um tigre-dentes-de-sabre ou uma preguiça-gigante. Não estamos falando em 'Parque dos Dinossauros', mas em Parque do Pleistoceno, 100 mil ou 200 mil anos atrás. Há muitíssimos animais bacanas que deixaram de existir nos últimos 200 mil anos".

Fonte: *The New York Times* traduzido para *Folha de São Paulo*